

Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios

Rio Cuieiras, Manaus AM

PROJETO

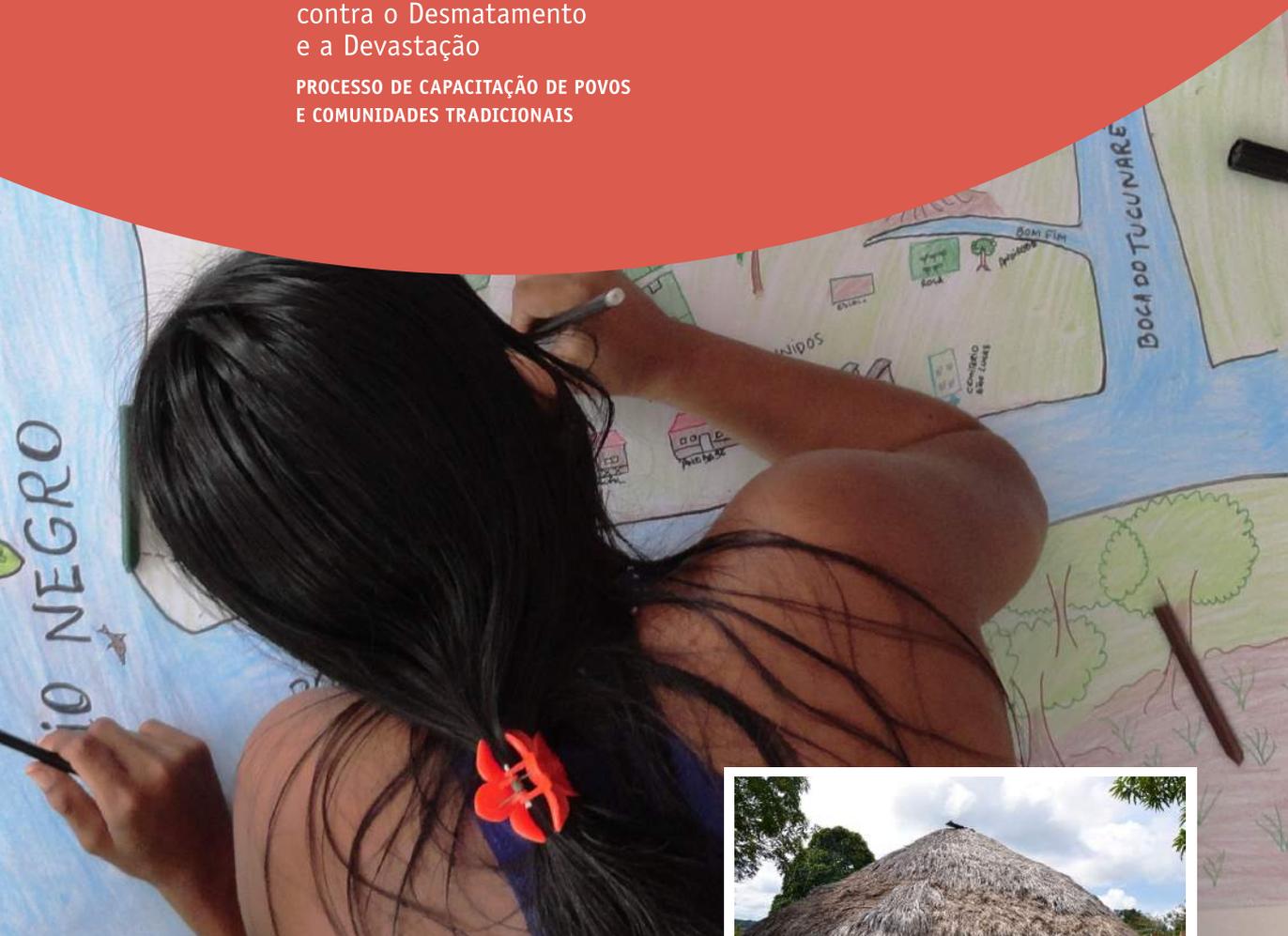
Mapeamento Social

como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS



21



NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA





© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
 CESTU-UEA/PPGAS-UFAM/ PESQUISADOR CNPQ
 Rosa Acevedo E. Marin

EQUIPE DE PESQUISA

Glademir S. dos Santos
 PNCSA/PPGSCA-UFAM
 Elieyd Sousa de Menezes
 PNCSA
 Carolina Silva
 UEA / PPGSCA – UFAM
 Helen Catalina Ubinger
 PNCSA

EDIÇÃO

Elieyd Sousa de Menezes
 PNCSA
 Glademir S. dos Santos
 PNCSA/PPGSCA-UFAM

CARTOGRAFIA E MAPA

Carolina Silva
 UEA / PPGSCA – UFAM

FOTOGRAFIAS

Glademir S. dos Santos
 Carolina Silva
 UEA / PPGSCA – UFAM
 Helen Catalina Ubinger
 PNCSA
 Elieyd Sousa de Menezes
 PNCSA

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Design CASA 8

Participantes da Oficina de Mapas, realizada na Comunidade Indígena Três Unidos, nos dias 21, 22 e 23 de junho de 2013

Ana Cláudia Martins Tomas, Joilson da Silva Paulino, Manoel Paulino Karapãna, Odair da Silva Paulino, Jonas Garrido de Melo, Urgulina Anhez Garrido, Rosemeiry Garrido de Melo, Dirce da Silva Paulino, Tomé Cruz, Joarlison Garrido Melo, Ronaldo Michelson Sodrê Hauwer, Manoel Chagas da Silva, Roseneia Leite da Silva, Jaira Leite da Silva, Waldemir da Silva, Raimunda Cruz, Andrey Santos da Costa, Ana Rita da Silva Silva, Jeferson da Silva, Reis Pereira, Clodoaldo, Olavo Bruno, Arnaldo Yarumare, Zildo Cruz da Silva, Alice Silva de Andrade, Dark Rodrigues Freire, Raylene Dias, Nelson Silva, Adelciane Marques, Raynete Dias da Silva, Ana Cláudia Martins, Raimundo Cruz da Silva, Rozicléia Leite da Silva, Flávio Veras

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: indígenas no rio Cuieiras – AM: aldeias São Thomé, Três unidos, Nova Esperança, Kuanã, Terra Preta, Barreirinha e Boa Esperança: luta contra a devastação em seus territórios, 21/ coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Glademir S. dos Santos... [et al.]. – Manaus: UEA Edições, 2014.

16 p.: il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-303-9

1. Conflitos sociais. 2. Terras indígenas - AM. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade – Rio Cuieiras. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Santos, Glademir S. dos.

CDU 528.9:316.48(811.3)

Aldeia São Thomé

“Em 1940 meu pai, Antonio Marinho da Silva, se casou com minha mãe Elvira Chagas da Silva, depois em 1949 eles vieram morar no bairro Rio Negro, eles moraram em uma localidade por nome de Araras, já tinham três filhos mais velhos, depois nasceu mais dois, éramos seis filhos. Cinco homens e uma mulher, depois foram morar na localidade Paraná do Samaúma, onde hoje formamos uma aldeia; eu, Manoel Chagas da Silva, casei com minha esposa, Petronília Leite da Silva, em 1969 com ela tive onze filhos, cinco homens e seis filhas e mais três adotivos. Meus onze filhos hoje já são casados, todos tem suas famílias. Nossa etnia é baré, um

casal de filhos são casados com tarianos. Hoje formamos nossa própria aldeia, tenho quase quarenta netos e dois bisnetos, há cinco etnias na minha aldeia, vinte e sete famílias, setenta e nove pessoas, vinte famílias indígenas e sete não indígenas. Umás famílias são assentadas pelo INCRA, temos apoio de algumas Ongs. Todas as famílias pescam, trabalham na agricultura familiar, artesanatos, também recebemos turistas: temos trilhas, pescaria esportiva, comidas típicas da nossa cultura, todos os trabalhos são coletivos, na aldeia tem escolas, posto de saúde, sede comunitária e outros, também há algumas pessoas empregadas como agentes indígenas de saúde, professores indígenas bilíngue, cozinheiras da escola, temos também uma associação indígena – ASSIAB, nossa própria alimentação é retirada dos rios, igarapés, floresta e na própria aldeia. A prefeitura de Manaus também apoia muito na questão escolar, no DSEI – Manaus na saúde indígena, temos apoios municipais, federais, estaduais. Hoje nossa aldeia é registrada e reconhecida pelos órgãos públicos municipais, federais, assim como a nossa associação agrícola baré de São Thomé. Preservamos nossa localidade, nós amamos muito onde moramos.” GRUPO SÃO THOMÉ: MANOEL CHAGAS DA SILVA, RONALDO MICHELSON SODRÉ HAUWER, ANA RITA DA SILVA SILVA, ROSINEIA LEITE DA SILVA, ALICE SILVA DE ANDRADE, JAIRA LEITE DA SILVA, DARK RODRIGUES FREIRE, ROZICLEIA LEITE DA SILVA



Sr. Manoel Silva, liderança da aldeia São Thomé e Rosineia Silva, etnia baré, mostrando croqui representando sua aldeia

Aldeia Três Unidos

“Quando foi um dia em conversa, com o compadre Valdomiro e o sobrinho dele, o Paulo, que era dono dessa terra aqui, mas que já fazia onze anos que ele tinha deixado essa terra, por motivo de morte do seu irmão. Eles eram três irmãos, um morreu e os outros dois se desgostaram, e foram embora também, e ele disse: “tio, eu tenho um terreno lá, se o seu Valdemir quiser ir pra lá, é um terreno muito bonito na boca do rio Cuieiras”. O compadre Valdomiro se interessou e quando foi em novembro de 1991 nós viemos olhar o terreno, chegamos aqui duas horas da tarde, 18 de novembro de 1991, um sol quente igual hoje, muito quente, seco,



Crianças na aldeia Três Unidos



Oficina de mapas, representantes da aldeia Três Unidos

ficamos lá no meio do rio, praia muito grande, pra chegar até o local onde a gente ia ficar. (...) Há 22 anos a comunidade foi implantada, e esse nome de Três Unidos foi dos três irmãos que viviam aqui.” SR. VALDEMIR, TUXAUA DO POVO KAMBEBA

“A comunidade abriga o povo Kambeba, advindos da região do Médio Solimões da Aldeia Jaquirí. Em novembro de 1991, chegaram as primeiras famílias que deram início à fundação da aldeia. (...) Até os tempos atuais, a aldeia vive de acordo com a sua cultura Kambeba, praticando seus rituais, danças, comidas, plantio, pesca e caça só para consumo próprio. Ainda hoje, a aldeia faz trabalhos relativos à agricultura e à produção de artesanato, as mulheres têm uma feira, onde cada família tem espaço para expor o artesanato. A maioria das famílias vive da produção de artesanato e da agricultura, outros são funcionários públicos e, ainda, os que trabalham com turismo, que também faz parte da economia da aldeia. (...) Atualmente, residem 15 famílias, totalizando 65 pessoas entre adultos e crianças. (...) A convivência intercultural com outros povos indígenas e não indígena não influenciou a identidade Kambeba da aldeia, isto é, o povo da aldeia ainda mantém a sua cultura e tradições e quer que a educação seja de acordo com a sua cultura e tradição do nosso povo e que seja uma educação específica, diferenciada, de qualidade que atenda aos anseios da aldeia.” RAIMUNDO CRUZ DA SILVA, KAMBEBA

Aldeia Nova Esperança



Lideranças da Aldeia Nova Esperança, Sra. Domitilia Rodrigues e Rosimeiry Rodrigues, etnia baré

“A aldeia Nova Esperança está localizada na entrada do Igarapé Taba, na adjacência da comunidade Nova Canaã e da aldeia Kuanã, no médio Cuieiras. É formada por 109 habitantes, com 19 casas, distribuídas em 24 famílias, de designação Baré, tendo o senhor Getúlio Nascimento da Silva e a senhora Domitila Rodrigues, que nasceram no Alto Rio Negro, como os primeiros a iniciarem o processo de organização da aldeia, a partir de 1975. Os núcleos familiares passaram a reconhecer como forma associativa em 1996, festejado no dia 10 de abril.

Algumas famílias, pertencentes a esta aldeia, moram em sítios próximos. Na aldeia há escola e posto de saúde do DSEI. As ameaças ao uso do território são as mesmas das aldeias anteriores. A aldeia demonstra a necessidade de que a demarcação inclua o rio Cuieiras desde a foz às suas cabeceiras, incluindo seus afluentes.” DOMITILA RODRIGUES E JOARLISON GARRIDO MELO



Sr. Manoel Paulino, Karapana, liderança da aldeia Kuanã

tem mais cipó para fazer essas coisas, caniço... quando eu era novo nunca precisei, o meu armamento é a flecha. Hoje em dia aqui, eu acordo 4h ou 5h da madrugada vou pescar 5 peixes pro almoço e só. Hoje eu também faço abano para vender. (...) Há pessoas das etnias tukano, baré, apurinã e a maior parte é karapano”. SR. MANOEL PAULINO, KARAPANA

Aldeia Kuanã

“Passamos dezoito anos na praia Dourada, apareceu uma “dona” não quis me indenizar, tocou fogo na nossa casa, e nós tivemos que vir embora. Chegamos no rio Cuieiras, estabelecemos o sítio, em 1999 começamos a aldeia. Nós trabalhamos em roça, pesca e artesanatos, antigamente nós comíamos com cacuri, matapi, içana que chama um laço para pegar pássaro: jacamim, jacu, pato, além de tatu, hoje em dia ninguém usa mais... Se usar essas coisas o Ibama vem e prende tudo. Uma vez nós estávamos pescando com cacuri, veio o IBDF e tomou tudo, o matapi eu não faço mais porque não



Sr. Cassiano Bruno, baré. Aldeia Terra Preta

Aldeia Terra Preta – Iwí Pixuna - Povo Baré

“Na aldeia Terra Preta somos 34 famílias e quatro (04) etnias, baré, baniwa, tucano e Kuripáko. Total de 156 pessoas incluindo crianças. Nós povo baré, viemos do alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira - Amazonas (língua falante Nheengatu). Onde maioria de nossos parentes vivem principalmente nos cursos médio e superior do rio negro, nos rio Içana e Xié (dois afluentes do alto rio negro) e na Venezuela, na região do canal do Caciquari. O Primeiro patriarca da aldeia Terra Preta, o

Senhor Cassiano Bruno, etnia baré, nasceu 15 de junho de 1933 no rio Cubate município de São Gabriel e usa esposa Maria Sebastiana Conceição Vieira. No ano de 1956 o senhor Cassiano Bruno veio de São Gabriel para o município de Manaus em busca melhoria de vida, no mesmo ano ele chegou num lugar por nome igarapé do Mucura, próximo da Terra Preta. E lá trabalhava roça, carvão e lenha vendiam para os patrões. Em 1974 quando veio falecer a esposa do senhor Cassiano, ficou uma filha Edina Bruno. No ano de 1975 o senhor Cassiano Bruno passou a trabalhar com um japonês na plantação de verduras, e passou a morar na Terra Preta. Em 1977 o senhor Cassiano Bruno retornou para a comunidade Vila Nova município de São Gabriel para reencontrar com a sua irmã, Orcina Bruno e seu cunhado Laurentino Ricardo Aleixo, depois de 44 anos e conversou com suas famílias a respeito de convivência, que no município de Manaus é mais fácil conseguir as coisas principalmente saúde, educação e outros disse ele. Passou-se três meses o senhor Cassiano



Representantes da aldeia Terra Preta durante Oficina de Mapas



Sr. Lisboa Santos, etnia Tukano, liderança da Aldeia Barreirinha



“Chapéu de palha” da aldeia Barreirinha

tração de madeira. Um dos impactos ambientais sentido pela comunidade foi deixada por uma empresa de cimento de Manaus, a qual abriu um imenso buraco na retirada de terra, deixando o rio poluído. Os moradores percorrem um longo caminho em busca de água potável. Outro problema enfrentado é a poluição da água que eles utilizam para beber, lavar, tomar banho. Na sua proximidade fica o posto da Polícia Federal. Os seus moradores já presenciaram a matança de animais selvagens pelos barcos geleiros. Atualmente, há apenas seis famílias residindo na aldeia.”
RAIMUNDO CRUZ E JOILSON PAULINO

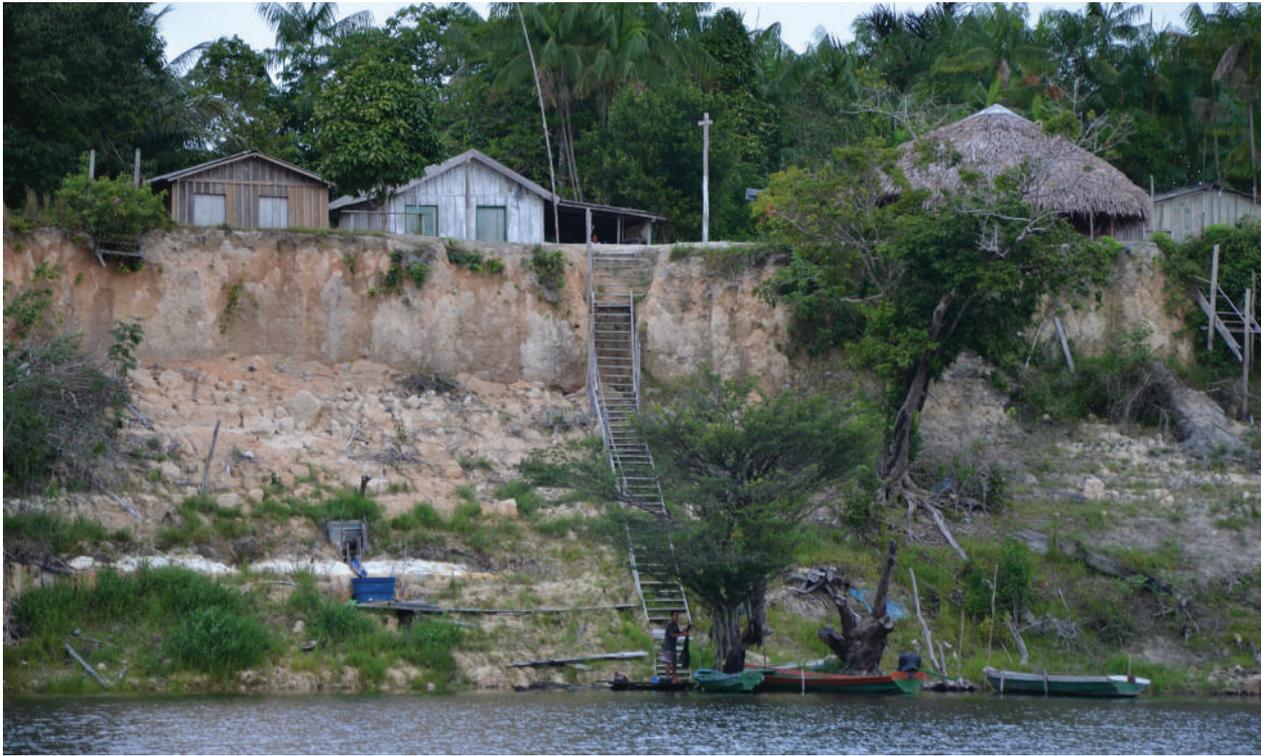
retornou novamente à Manaus e continuou trabalhando na Terra Preta com o mesmo patrão. Em 1980 o japonês chamou e conversou com o senhor Cassiano a respeito de terreno, que ele não ia mais trabalhar na plantação de verduras e que ia embora para a sua cidade, foi quando o japonês deu o terreno para o senhor Cassiano Bruno, para continuar trabalhando e construir sua casa. No mesmo ano o senhor Cassiano Bruno foi novamente para Vila Nova para conversar com a sua irmã Orcina Bruno e cunhado Laurentino Ricardo, que já tinha um terreno apropriado para morar e construir a aldeia.” PROFESSOR INDÍGENA ARNALDO YARUMARE, BARÉ. OLAVO BRUNO ALEIXO, BARÉ. GABRIEL BRUNO ALEIXO, BARÉ. RAFAEL FERNANDES BRUNO, CACIQUE, BARÉ

Aldeia Barreirinha

“Eu quero apresentar um pouco da minha aldeia, aqui chama-se aldeia Barreirinha, Tukano, meu nome é Lisboa dos Santos Vieira, tenho 36 anos, nasci aqui mesmo nesse local e até hoje estou residindo aqui nessa comunidade, nós somos Tukanos, meu pai veio de um lugar próximo de São Gabriel da Cachoeira, passou uns seis meses pra chegar aqui, parando, e chegou aqui nesse local. Depois de dez, doze anos morando aqui ele fundou essa comunidade e hoje nós somos 14 famílias aqui, entre Tukanos, Barés e Tarianos, são três etnias aqui nessa aldeia. A maioria das pessoas aqui sobrevive de roças, fazendo roçado, plantando, fazendo farinha, vendendo pra sobreviver, e também, a gente sempre tem usado um pouco da pescaria, caça, mas aqui mesmo é mais o roçado, plantamos mais é cana, banana, macaxeira e mandioca... e abacaxi nós temos plantado também só para o consumo da gente.” SR. LISBOA DOS SANTOS VIEIRA, TUKANO, BARREIRINHA

Aldeia Boa Esperança

“Aldeia de designação Baré, localiza-se à margem esquerda do Cuieiras, e, antes, ela compreendia 17 casas, alcançando um número de 60 moradores. Ela foi uma das primeiras aldeias, no Cuieiras, datada de em 1988. Seus moradores, na maioria, trabalhavam na ex-



Aldeia Boa Esperança

Nossas culturas

“Temos danças tradicionais, grafismos que são usados nas comunidades, usamos as pinturas corporais somente nos dias especiais como festas indígenas, rituais, na agricultura e na sala de aula. Para nossos trajes, extraímos a casca de uma árvore chamada tururí para as vestimentas em dias especiais. A prática da agricultura, caça e pesca são realizadas nas Aldeias, através do trabalho coletivo. Praticamos esportes como corrida, futebol, arco e flecha, canoagem, caminhada pela trilha, voleibol, queimada, além de nadar.” GRUPO: TOMÉ CRUZ, RONALDO HAUWER, ROSENEIA DA SILVA, ALICE DE ANDRADE, ANA RITA DA SILVA, JAIRA DA SILVA

‘Apesar das dificuldades que enfrentamos temos também as vitórias de querer o melhor para as nossas aldeias que é um reflexo de união entre os povos indígenas, só assim conquistamos os nossos direitos.’ TOMÉ CRUZ, RONALDO MICHELSON SODRÉ HAUWER, ANA RITA DA SILVA, ROSINEIA LEITE DA SILVA, ALICE SILVA DE ANDRADE, JAIRA LEITE DA SILVA, DARK RODRIGUES FREIRE, ROZICLEIA LEITE DA SILVA



80°00'00"O

INDÍGENAS NO RIO CUIEIR

Aldeias São Thomé, Três Uni
Nova Esperança, Kuanã, Terra
Barreirinha e Boa Esperan



21°30'00"S

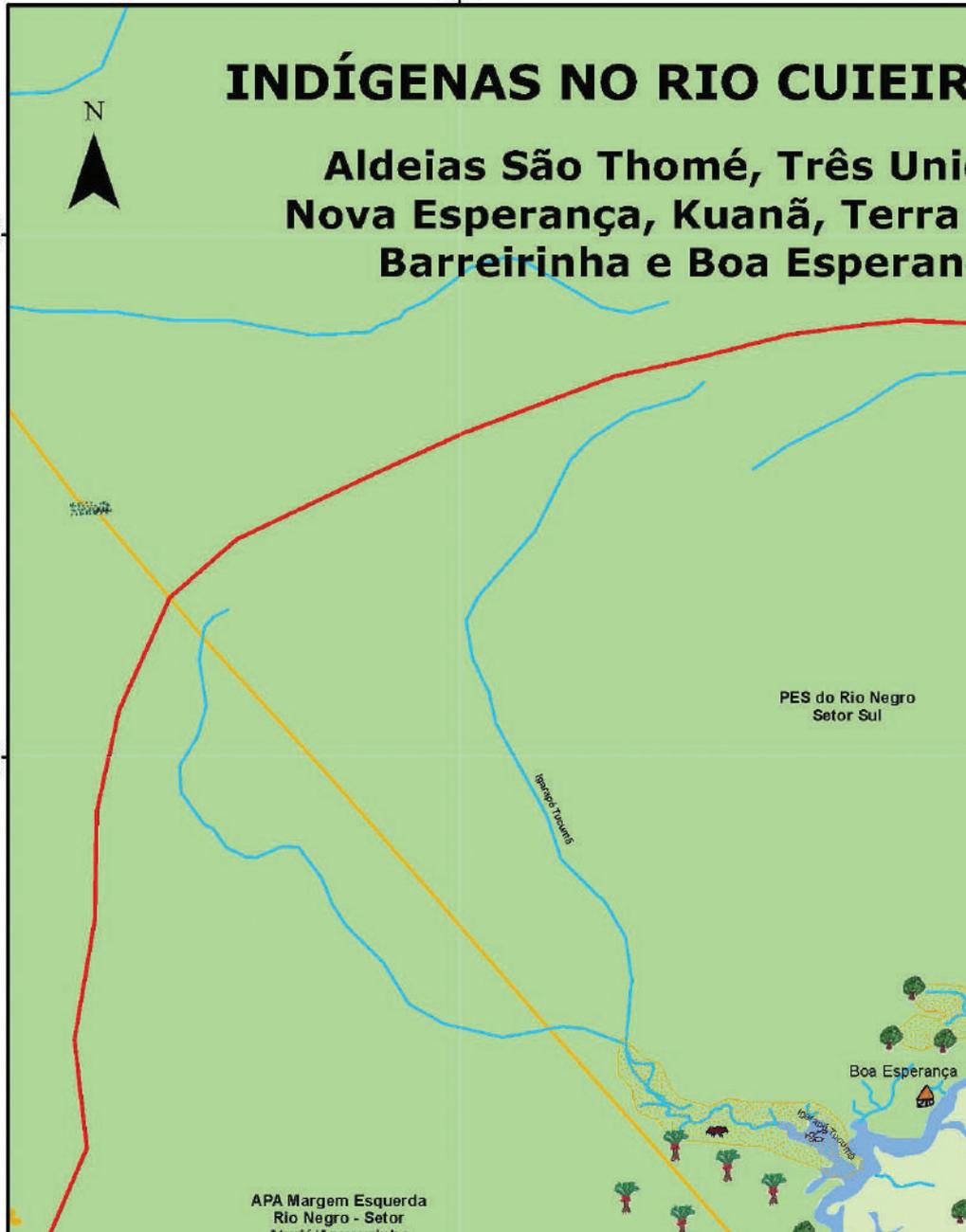
21°45'00"S

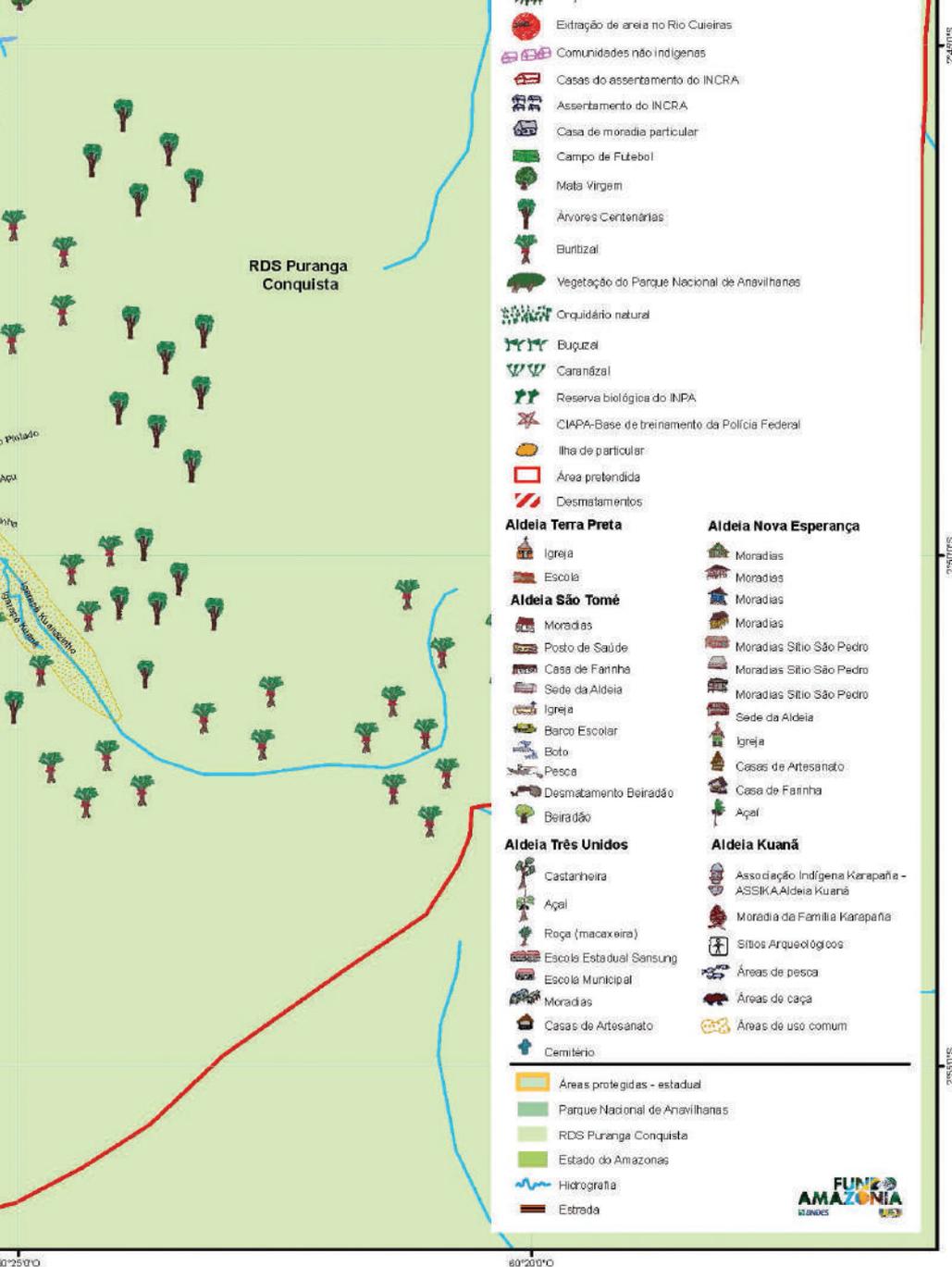
PES do Rio Negro
Setor Sul

Ipameri Tucurus

Boa Esperança

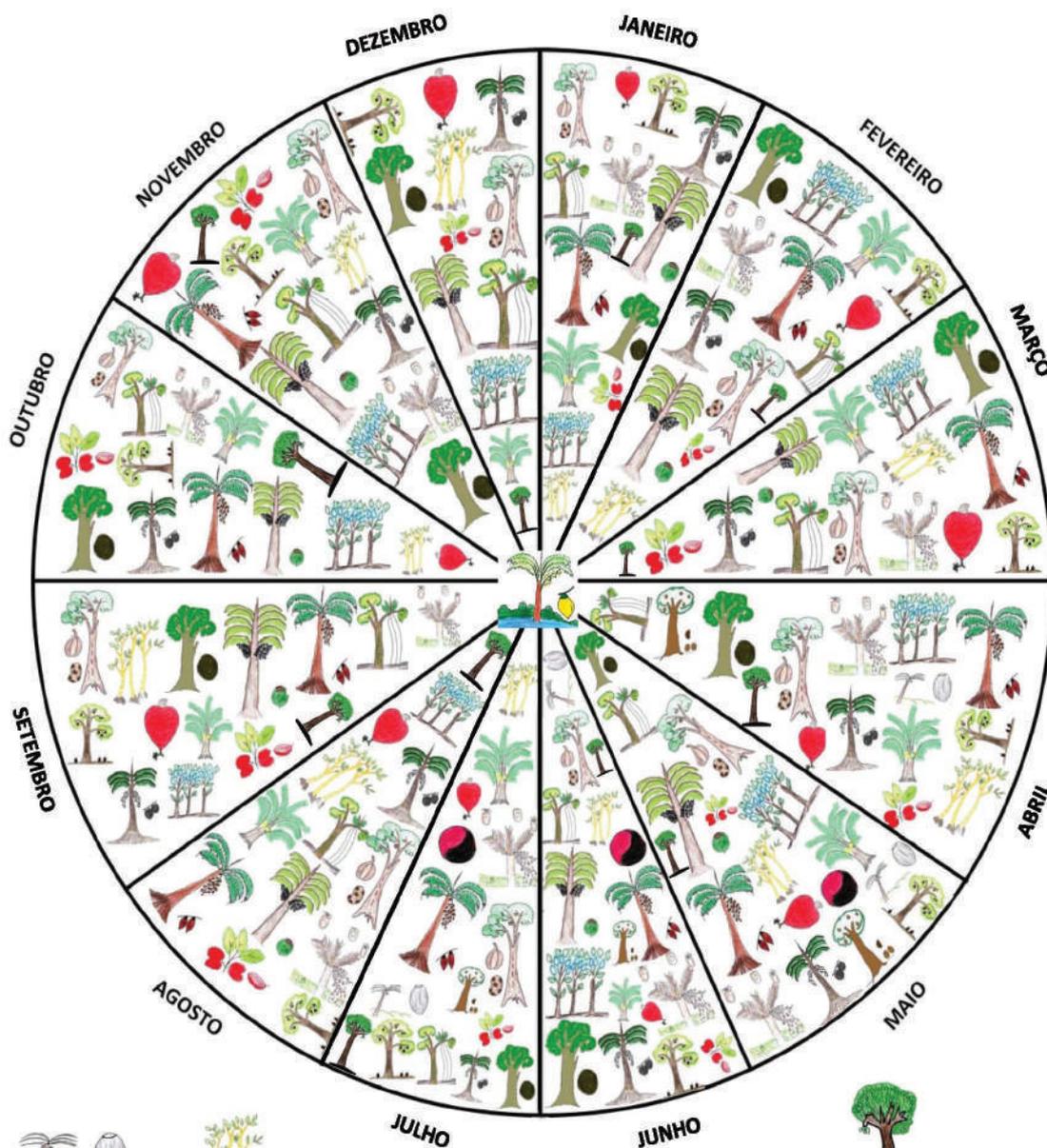
APA Margem Esquerda
Rio Negro - Setor





Planejamento Territorial contra o Desmatamento e a Devastação de Rios e Comunidades Tradicionais

CALENDÁRIO AGROEXTRATIVISTA DE SEMENTES, SOBRAS DE MADEIRA E CIPÓS PARA A CONFEÇÃO DE ARTESANATOS: Conhecimentos tradicionais e manejo sustentável dos recursos naturais



Açaí comum



Bambu



Urucum



Tento



Cipó ambé



Bacaba



Caju



Castanha



Pau Brasil



Jenipapo



Jauari



Tucumã



Arapari



Lágrima de Nossa Senhora



Tucumá



Açaí preto



Patauá



Seringa

Educação escolar indígena

“Ainda hoje, nossas escolas não são totalmente indígenas, ainda é do branco. Os professores não indígenas ainda estão aí dominando. Nós temos uma gerência de Educação Escolar Indígena, mas, no momento, não tem autonomia de dizer assim: as escolas indígenas estão no nosso poder. (...) Que a terra seja demarcada. A partir da demarcação, que as escolas se fortaleçam e se organizem para que sejam totalmente indígenas, para trabalhar sua própria língua, na própria cultura e tradição. Ainda hoje, estamos trabalhando, mas não é totalmente com aquele apoio de escola indígena. Vocês tuxauas estão percebendo isso. Ainda temos professores brancos que trabalham o ensino regular que não respeitam as culturas dos povos indígenas dentro de nossas aldeias. Isso ainda acontece. Então, queremos terra demarcada para isso, para fortalecer mesmo. Que temos uma educação indígena específica, diferenciada e de qualidade para o nosso povo.” RAIMUNDO KAMBEBÁ, PROFESSOR BILÍNGUE DA ALDEIA TRÊS UNIDOS



Lideranças da aldeia Kuanã e família chegando à Aldeia Três Unidos, para participar da Oficina de Mapas

Nós queremos mesmo é nossa terra demarcada!

Conflitos com madeireiros e venda ilegal de terras

“Queremos nossa área demarcada, porque estamos bastante ameaçados por madeireiros, por pescaria, de pessoas estranhas que entram sem permissão da gente, principalmente na época em que está seco. As próprias comunidades vizinhas, de gente que não é indígena, estão trazendo muita bebida alcoólica e drogas, principalmente com os de menores. Queremos a demarcação por motivo de ainda ter direito a nossa terra, nossa e dos parentes que pertencem as nossas aldeias, a nossa aldeia. Desde quando eu me entendi, que eu sabia que existiam direitos indígenas, que existem. Então eu vim procurar a minha defesa, o meu direito que nós temos. E outra, próximo de nossa área, tem venda de terra ilegal. O camarada vende pro outro, passa a receber um ano, e vende pro outro. Então, depois que passar a ser nossa terra, não vamos aceitar isso aí” MANUEL CHAGAS DA SILVA, 63, TUXAUA DA ALDEIA SÃO THOMÉ



Croqui confeccionado durante a Oficina de Mapas na aldeia Três Unidos

“Aqui a gente tem sofrido bastante com madeireiros, pescadores que vem aqui, e está cada vez mais diminuindo o nosso peixe, nossos bichos de casco, madeira até que deu uma parada agora, os madeireiros deram uma parada, mas os peixeiros continuam levando nossos peixes, levando nossas caças, e a gente está sentindo falta. Pra gente se alimentar, temos que ir muito longe dentro da mata, distantes nas cabeceiras de igarapés pra conseguir nossa alimentação. Antes não, antes era aqui perto, aqui na frente a gente saía rapidinho e pegava comida para passar três dias, até mais e hoje não, hoje a gente tem que andar bastante, passar duas noites fora de casa pra poder conseguir nosso peixe, nossa caça e é assim que está a nossa situação. Barreirinha é a última aldeia do Rio Cuieiras e também a gente fica um pouco preocupado, até o mês passado desceu uma turma de pessoas pelas cabeceiras do Cuieiras, que varou pela estrada e vararam por água no rio e a gente já ficou meio com medo por que podem ser pessoas... más... e fazer alguma coisa aqui com a gente.” SR. LISBOA DOS SANTOS VIEIRA, TUKANO, BARREIRINHA



Extração de areia no rio Cuieiras, próximo à aldeia Kuanã

Conflitos relacionados à extração de areia

“Eu quero a demarcação de terra porque não aceitamos extração de areia na nossa área, não aceitamos pessoas estranhas que pescam e caçam, e façam comercialização ilegal de pesca e caça. Não aceitamos a extração de areia porque está prejudicando a saúde da população com a poluição do rio; não aceitamos pessoas que não nos respeitam, madeireiros que tiram madeira para vender, pessoas que não respeitam nossa cultura, pessoas que entram sem autorização da gente para pescar, pegar traçajá”
ROSEMEIRY GARRIDO DE MELO

Orquidário Ameaçado

“No orquidário tem bastante areia, e também lá é um ponto de desova de bicho de casco, é uma área de reprodução, é uma área que a gente utiliza para manter a tradição, vai lá, passeia, caça, e tiramos o sustento, com essa empresa fazendo a extração de areia lá, destrói o orquidário. Pra gente é muito importante como indígenas, não estamos visando lucro, tudo que tem ali é importante tanto o rio, a mata, as madeiras, o que tiver ali é importante para a gente, porque é de lá que a gente sobrevive, é de lá que a gente constrói a nossa marca, constrói o nosso viver, a nossa cultura, a nossa tradição”.
ADEMIR PAULINO, KARAPANA

Isso que é meu medo: drogas e bebidas alcoólicas

“Eu quero a demarcação para ter nossos direitos. Eu tenho filhos, netos que crescem, para não deixar acontecer o que a gente está vendo com essa nova geração. Porque na minha criação, nunca vi essas coisas que está acontecendo, principalmente sobre drogas. Isso que é meu medo. Muitas coisas que a gente sabe e ver acontecer, principalmente droga. Como a gente sabe que tem gente que usa lá dentro. Pois é, pode envolver a comunidade também. As pessoas me contaram que já chegaram lá pessoas vendendo droga.”
URGULINA ANHEZ GARRIDO, MARIARCA DA COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA

“Hoje, a gente tem que dar continuidade nesse processo de demarcação, porque estamos sendo ameaçados pela extração de madeira, com entrada de drogas. As nossas comunidades estão bem no meio das drogas, bebidas, e fica muito perigoso para os nossos adolescentes e jovens. Essa demarcação, com certeza, vai ser muito bom pra gente, porque a gente vai ter autonomia para falar para as pessoas que essa área é nossa, que eles não podem meter a mão; vai gerar recursos na relação com nossas autoridades. Se ficarem aqui, com o tempo, vão querer mandar na gente, sentirem-se donos da terra”
CLODOALDO, ETNIA BARÉ, TERRA PRETA



Reunião com as lideranças das aldeias São Thomé, Três Unidos, Nova Esperança, Kuanã e Terra Preta durante Oficina de Mapas

Com nossa terra demarcada a gente ganha confiança, tem o poder de impedir, de ajudar a preservar, a ter saúde de qualidade

“Sou tuxaua do povo kambeba, mas sou da etnia Tikuna. Essa caminhada do processo desde 1993. Hoje está em avanço. Queremos porque nossa terra demarcada a gente ganha confiança, tem o poder de impedir, de ajudar a preservar, a ter saúde de qualidade. Esse é um ponto essencial: nós devemos ter nossas terras para cuidar e zelar da nossa mãe terra, com mais confiança, e ter autonomia de orientar as pessoas não indígenas. Hoje, nossa região é muito devastada pela exploração de caça, pescas, madeiras, enfim, de tudo. Um dia que passar a ser demarcada, a terra passa



Vista da Aldeia Três Unidos



Aldeia Três Unidos

a ser assegurada por lei, e os indígenas ocupam os espaços. Estamos lutando pelos nossos futuros filhos, netos, bisnetos, tataranetos se criarem nessa terra acompanhada por leis por eles” WALDEMIR DA SILVA, TUXAUA DA ALDEIA TRÊS UNIDOS

“Eles pescam peixe, os menores, os pequenos eles jogam em cima da terra, na lama e é assim, aquela bagunça, tem pessoas que vem de Manaus, de Manacapuru que poluem, no caso das latinhas, dos plásticos, deixam as praias sujas. Então a gente não tem aquele apoio da fiscalização, as vezes a gente vai falar pra tentar amenizar a poluição e muitas vezes essas pessoas tentam agredir a gente achando que a gente está sovinando, mas a gente está tentando conservar, não só pra eles que só vem por lazer, mas também para nós, que vivemos desse lugar. Até a tiração de madeira que não existiam na nossa área, está vindo gente invadindo por trás da nossa aldeia, que é uma área indígena, esse pessoal vem por trás, fazem caminho, derrubada. Até a nossa trilha, meu pai conhece bem lá e disse que viu umas árvores derrubadas lá que a gente estava preservando, e aí fogem os animais... pra quem vai caçar quase não encontra.” GRUPO SÃO THOMÉ: RONALDO MICHELSON SODRÉ HAUWER, ANA RITA DA SILVA SILVA, ROSINEIA LEITE DA SILVA, ALICE SILVA DE ANDRADE, JAIRA LEITE DA SILVA, ROZICLEIA LEITE DA SILVA



Criança participando na Oficina de Mapas

Queremos a demarcação para proteger tudo isso, para ter uma educação escolar indígena mesmo

“A demarcação não só para preservar o peixe, a caça, mas para preservar nossa própria cultura, como nossa dança, rituais, nossos próprios artesanatos. Queremos a demarcação para proteger tudo isso, para ter uma educação escolar indígena mesmo, valorizando o conhecimento dos mais velhos. Que as nossas escolas sejam totalmente indígenas em terra indígena. Então, é bom ressaltar a importância da demarcação para nós, e reivindicar perante as autoridades a terra indígena, respeitando, valorizando e trabalhando as culturas dos povos” RAIMUNDO KAMBEBA, PROFESSOR BILÍNGUE DA ALDEIA TRÊS UNIDOS

“Aqui é um pouco distante, temos um pouco de dificuldade pra gente conseguir as coisas pra cá, e a gente pede que as autoridades que forem ver e ouvir a gente olhassem mais pra gente na questão da educação e na saúde também, a gente sempre tem lutado e a gente espera que possa melhorar ainda mais, eu tenho quatro filhos, dois já são casados, eu já sou avô, e a gente vive aqui, entra ano e sai ano, todo o tempo a gente está aqui no Barreirinha.” SR. LISBOA DOS SANTOS VIEIRA, TUKANO, BARREIRINHA

A demarcação de terra é muito importante em termos de saúde

“Porque a gente para ficar assegurado, mas também por uma qualidade boa de saúde. Não temos aquele apoio dado a saúde indígena, fiscalizando e realizando. A demarcação de terra é muito importante em termos de saúde” ROSICLEIA, AGENTE DE SAÚDE INDÍGENA, ALDEIA SÃO THOMÉ

Reivindicações

A terra indígena é de fundamental importância... Hoje vivemos discriminados, restritos a fazer certas manifestações culturais.

“Hoje, vivemos discriminados, sofrendo preconceitos dentro das nossas aldeias indígenas, restritos a fazer certas manifestações culturais. Não temos autonomia de fiscalização das nossas aldeias, dentro do espaço das nossas aldeias. A terra indígena é de fundamental importância porque nos assegura o desenvolvimento intelectual da nossa cultura, com as nossas crianças, com nossas tradições, nossos costumes, fortalecendo nosso povo. Sem a demarcação não temos o poder de fiscalizar onde a gente mora. Que o poder público defina em ampliar a terra para que a gente possa estar em paz no futuro, com possibilidade de viver dentro de nossas terras” JOILSON, PROFESSOR BILÍNGUE DA ALDEIA KUANÃ

Saúde: “Usamos os remédios medicinais, temos muitos remédios que só os nossos antepassados conhecem. Mas há dificuldade de transporte em saúde indígena, contratação de novos profissionais de saúde como dentista, médicos, sendo eles permanentes no polo base, ou melhor, para cada aldeia indígena. Queremos a construção de novos postos de saúde e de um poço artesiano, também temos falta de remédios. Assim como a formação de agentes de saúde. Queremos que a saúde melhore numa nova perspectiva para os povos indígenas, tendo uma saúde de qualidade diferenciada que esperamos até hoje.” TOMÉ CRUZ, RONALDO MICHELSON SODRÉ HAUWER, ANA RITA DA SILVA SILVA, ROSINEIA LEITE DA SILVA, ALICE SILVA DE ANDRADE, JAIRA LEITE DA SILVA, DARK RODRIGUES FREIRE, ROZICLEIA LEITE DA SILVA

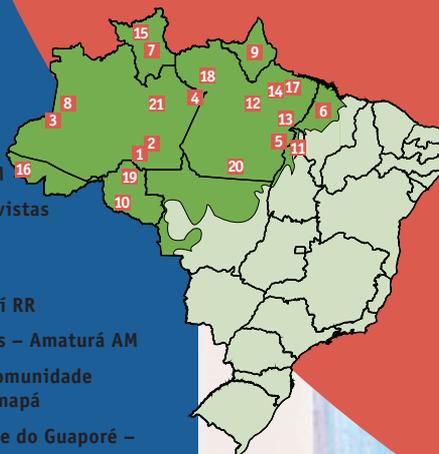
Educação: “Falta a construção de uma escola municipal, para uma educação diferenciada para os alunos e formação do CETAM. A educação deveria ter parceria com os órgãos municipais, melhorias na contratação dos professores indígenas, e formação dos professores indígenas. Na aldeia Três Unidos melhorou, tem uma nova escola, temos telecentro. Na merenda escolar, houve uma melhoria. Há também leis que amparam a educação indígena, como a LDB lei 601 e Convenção 169.” TOMÉ CRUZ, RONALDO MICHELSON SODRÉ HAUWER, ANA RITA DA SILVA SILVA, ROSINEIA LEITE DA SILVA, ALICE SILVA DE ANDRADE, JAIRA LEITE DA SILVA, DARK RODRIGUES FREIRE, ROZICLEIA LEITE DA SILVA



PROJETO
**Mapeamento
Social**

ALDEIA SÃO THOMÉ
ALDEIA TRÊS UNIDOS
ALDEIA NOVA ESPERANÇA
ALDEIA KUANÃ
ALDEIA TERRA PRETA
ALDEIA BARREIRINHA
ALDEIA BOA ESPERANÇA

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

ALDEIA SÃO THOMÉ
ALDEIA TRÊS UNIDOS
ALDEIA NOVA ESPERANÇA
ALDEIA KUANÃ
ALDEIA TERRA PRETA
ALDEIA BARREIRINHA
ALDEIA BOA ESPERANÇA

APOIO



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-303-9



9 788578 833039